



Carolina Augusta Xavier de Novaes Machado de Assis

Duas cartas de Machado de Assis a Carolina

MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis
(1839-1908).
Fundador da
Cadeira 23
da Academia
Brasileira de
Letras.

D Carolina veio para o Brasil a chamado de seu irmão Faustino Xavier de Novais, logo após a morte de sua mãe em Portugal. Desembarcou no Rio em fins de 1866, indo hospedar-se no Rio Comprido em casa de D. Rita de Cássia Rodrigues, que já havia dado residência definitiva a Faustino desde que o vira doente, como o fizera em 1861 a Baronesa de Taquari, mãe de D. Rita. Desde a chegada de Carolina tornaram-se mais assíduas as visitas dos amigos de Faustino, que procuravam distraí-lo com animadas palestras, música e recitações. Machado de Assis era um dos seus amigos íntimos, como ele mesmo diz em uma das cartas expostas. Miguel e Adelaide vieram por proteção dos Condes de S. Mamede em 1868, hospedando-se no seu palacete no Cosme Velho n.º 20. Em fins desse ano os irmãos de Faustino o levaram para Petrópolis para tratamento de sua saúde.

As cartas expostas foram escritas nessa ocasião. Depois de alguns meses, voltaram para o Rio, indo morar em uma casa da Rua Mar-

quês de Abrantes, cedida pelo amigo Ernesto Cibrão para Faustino tomar banho de mar, por conselho médico. Sendo o tratamento contraproducente, foram para a Rua do Ipiranga, 29, nas Laranjeiras, bairro em que moravam os Condes de S. Mamede. Morreu Faustino a 16 de agosto de 1869 e Carolina casou-se a 12 de novembro do mesmo ano.

VITRINA DA VIDA ÍNTIMA

MANUSCRITOS

Duas cartas de Machado de Assis a Carolina, ambas de 2 de março (sem indicação do ano, mas certamente do período de noivado), sendo uma incompleta. Inéditas.

A primeira delas é de duas folhas duplas e uma folha simples, escritas em todas as páginas; e a outra, incompleta, de uma folha dupla, escrita igualmente em todas as páginas.



2 de Março.

Minha querida C.

Recebi ontem duas cartas tuas, depois de dois dias de espera. Calcula o prazer que tive, como as li, reli e beijei! A minha tristeza converteu-se em súbita alegria. Eu estava tão aflito por ter notícias tuas que saí do *Diário* há uma hora para ir a casa, e com efeito encontrei as duas cartas, uma das quais deveria ter vindo antes, mas que, sem dúvida, por causa do correio foi demorada. Também ontem debes ter recebido duas cartas minhas; uma delas, a que foi escrita no sábado, levei-a no domingo às oito horas ao correio, sem lembrar-me (perdoa-me!) que ao domingo a barca sai às seis horas da manhã. Às quatro horas levei a outra carta e ambas devem ter seguido ontem na barca das duas horas da

tarde. Deste modo, não fui eu só quem sofreu com demora de cartas. Calculo a tua aflição pela minha, e estou que será a última.

Eu já tinha ouvido cá que o M. alugara a casa das Laranjeiras, mas o que não sabia era que se projetava essa viagem a Juiz de Fora. Creio, como tu, que os ares não fazem nada bem ao F.; mas compreendo também que não é possível dar simplesmente essa razão. No entanto, lembras perfeitamente que a mudança para outra casa cá no Rio seria excelente para todos nós. O F. falou-me nisso uma vez e é quanto basta para que se trate disto. A casa há de encontrar-se, porque empenha-se nisto o meu coração. Creio, porém, que é melhor conversar outra vez com o F. no sábado e ser autorizado positivamente por ele. Ainda assim, temos tempo de sobra; 23 dias; é quanto basta para que o amor faça um milagre, quanto mais isto que não é milagre nenhum.

Vais dizer naturalmente que eu condescendo sempre contigo. Por que não? Sofreste tanto que até perdeste a consciência do teu império; estás pronta a obedecer; admiras-te de seres obedecida. Não te admires, é coisa muito natural; és tão dócil como eu; a razão fala em nós ambos. Pedes-me coisas tão justas, que eu nem teria pretexto de te recusar se quisesse recusar-te alguma coisa, e não quero.

A mudança de Petrópolis para cá é uma necessidade; os ares não fazem bem ao F., e a casa aí é um verdadeiro perigo para quem lá mora. Se estivesses cá, não terias tanto medo dos trovões, tu que ainda não estás *bem brasileira*, mas que o hás de ser espero em Deus. Acusas-me de pouco confiante em ti? Tens e não tens razão; confiante sou; mas se te não contei nada é porque não valia a pena contar. A minha história passada do coração resume-se em dois capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido. Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo. Não me acuses por isso; há situações que se não prolongam sem sofrimento. Uma senhora de minha amizade obrigou-me, com os seus conselhos, a rasgar a página desse romance sombrio; fi-lo com dor, mas sem remorso. Eis tudo.

A tua pergunta natural é esta: qual destes dois capítulos era o da Corina? Curiosa! Era o primeiro. O que te afirmo é que dos dois o mais amado foi o segundo.

Mas nem o primeiro nem o segundo se parecem nada com o terceiro e último capítulo do meu coração. Diz Stäel que os primeiros amores não são os mais fortes porque nascem simplesmente da necessidade de amar. Assim é comigo; mas, além dessa, há uma razão capital, e é que tu não te pareces nada com as mulheres vulgares que tenho conhecido. Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos cheias pelo teu sexo. Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu? Além disso tens para mim um dote que realça-os mais: sofreste. É minha ambição dizer à tua grande alma desanimada: “levanta-te, crê e ama; aqui está uma alma que te compreende e te ama também”.

A responsabilidade de fazer-te feliz é decerto melindrosa; mas eu aceito-a com alegria, e estou certo de que saberei desempenhar este agradável encargo.

Olha, querida, também eu tenho pressentimentos acerca da minha felicidade; mas que é isto senão o justo receio de quem não foi ainda completamente feliz?

Obrigado pela flor que me mandaste; dei-lhe dois beijos como se fosse em ti mesma, pois que apesar de seca e sem perfume, trouxe-me ela um pouco de tua alma.

Sábado é o dia de minha ida; faltam poucos dias e está tão longe! Mas que fazer? A resignação é necessária para quem está à porta do paraíso; não afrontemos o destino que é tão bom conosco.

Volto à questão da casa; manda-me dizer se aprovas o que te disse acima, isto é, se achas melhor conversar outra vez com o F. e ficar autorizado por ele, a fim de não parecer ao M. que eu tomo uma intervenção incompetente nos negócios de sua família. Por ora, precisamos de todas estas precauções. Depois... depois, querida, queimaremos o mundo, porque só é verdadeiramente senhor do mundo quem está acima das suas glórias fofas e das suas ambições estéreis. Estamos ambos neste caso; amamo-nos; e eu vivo e morro por ti. Escreve-me e crê no coração do teu

Machadinho.

2 de Março.

Minha Carola.

Já a esta hora deves ter em mão a carta que te mandei hoje mesmo, em resposta às duas que ontem recebi. Nela foi explicada a razão de não teres carta no domingo; deves ter recebido duas na segunda feira.

Queres saber o que fiz no domingo? Trabalhei e estive em casa. Saudades de minha C., tive-as como podes imaginar, e mais ainda, estive aflicto, como te contei, por não ter tido cartas tuas durante dois dias. Afirmo-te que foi um dos mais tristes que tenho passado.

Para imaginares a minha aflição, basta ver que cheguei a suspeitar da opposição do F., como te referi numa das minhas últimas cartas. Era mais do que uma injustiça, era uma tolice. Vê lá justamente quando eu estava a criar estes castelos no ar, o bom F. conversava a meu respeito com a A. e parecia aprovar as minhas intenções (perdão, as nossas intenções!). Não era de esperar outra coisa do F.; foi sempre amigo meu, amigo verdadeiro, dos poucos que, no meu coração, têm sobrevivido às circunstâncias e ao tempo. Deus lhe conserve os dias e lhe restitua a saúde para assistir à minha e à tua felicidade.

Contou-me hoje o Araújo que, encontrando-se num dos carros que fazem viagem para Botafogo e Laranjeiras, com o Miguel, este lhe dissera que andava procurando casa por ter alugado a outra. Não sei se essa casa que ele procura é só para ele ou se para toda a família. Achei conveniente comunicar-te isto; não sei se já sabes alguma coisa a este respeito. No entanto, espero também a tua resposta ao que te mandei dizer na carta de ontem, relativamente à mudança.

Dizes que, quando lêes algum livro, ouves unicamente as minhas palavras, e que eu te apareço em tudo e em toda a parte? É então certo que eu ocupo o teu pensamento e a tua vida? Já mo disseste tanta vez, e eu sempre a perguntar-te a mesma coisa, tamanha me parece esta felicidade. Pois, olha; eu queria que lesse um livro que eu acabei de ler há dias; intitula-se *A Família*. Hei de

comprar um exemplar para lermos em nossa casa como uma espécie de *Bíblia Sagrada*. É um livro sério, elevado e profundo; a simples leitura dele dá vontade de casar.

Faltam quatro dias; daqui a quatro dias terás lá a melhor carta que eu te poderia mandar, que é a minha própria pessoa, e ao mesmo tempo lerei o melhor.....
.....

P. à Senhora General Leitão de Carvalho. 0,208 x 0,136; 0,208 x 0,136.

Última visita¹

EUCLIDES DA CUNHA

Euclides da Cunha
(1866-1909).
Segundo
ocupante da
Cadeira 7 da
Academia
Brasileira de
Letras.

Na noite em que faleceu Machado de Assis, quem penetrasse na vivenda do Poeta, em Laranjeiras, não acreditaria que estivesse tão próximo o desenlace de sua enfermidade.

Na sala de jantar, para onde dizia o quarto do querido Mestre, um grupo de senhoras – ontem meninas, que ele carregara nos bra-

¹ Como informe psicológico sobre o modo de composição de Euclides da Cunha, é interessante a gênese deste artigo, assim descrita pelo Sr. João Luso:

Euclides – todos os seus amigos o sabem – escrevia com grande lentidão; não significava, porém, isso a falta de inspiração dos antigos nem a “tortura” dos modernos; era o seu método natural de medir – cada pensamento e cada período – para que a extensão destes correspondesse exatamente ao alcance daqueles. A homenagem que ele prestou a Machado de Assis nas colunas do *Jornal do Commercio*, vi-o eu escrevê-la, graças à facilidade do trabalho de redação que então me ocupava, familiar e quase material. A mesa em que Euclides se instalara ficava a dois passos da minha – e não haveria curiosidade mais natural do que essa de espreitar um artista admirado e queridíssimo entregue a uma obra, na qual eu tinha a certeza de que ele poria toda a sua inteligência e

ços carinhosos, hoje nobilíssimas mães de família – comentava-lhe os lances encantadores da vida e relia-lhe antigos versos, avaramente guardados nos álbuns caprichosos. As vozes eram discretas, as mágoas apenas rebrilhavam nos olhos marejados de lágrimas e a placidez era completa no recinto onde a saudade glorificava uma existência antes da morte. No salão de visitas viam-se alguns discípulos dedicados, também aparentemente tranqüilos, na iminência de uma catástrofe.

Era o contágio da própria serenidade incomparável e emocionante em que se ia, a pouco e pouco, extinguindo o extraordinário escritor.

Realmente, na fase aguda de sua moléstia, Machado de Assis, se por acaso traía com um gemido e uma contração mais viva o sofrimento, apressava-se a pedir desculpas aos que o assistiam, na ânsia e no apuro gentilíssimo de quem corrige um descuido ou involuntário deslize. Timbrava em sua primeira e última dissimulação: a dissimulação da própria agonia, para não nos magoar com o reflexo da sua dor. A sua infinita delicadeza de pensar, de sentir e de agir, que no trato vulgar dos homens se exteriorizava numa timidez embaraçadora e recatado retraimento, transfigurava-se na fortaleza tranqüila e soberana. E gentilissimamente bom durante a vida, ele se tornava gentilmente heróico na morte.

Mas aquela placidez augusta despertava na sala principal, onde se reuniam Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo

todo o seu sentimento. Euclides, com o cotovelo esquerdo fincado na mesa, a cabeça inclinada e apoiada na mão, compunha, de vez em quando, duas ou três linhas... Acendia um cigarro, tirava-lhe três ou quatro fumaças, arremessava-o, em mais de meio; voltava a fincar o cotovelo, a encostar a frente; e a mão direita ia e vinha sobre o papel, durante um longo minuto, vagarosamente, mas sem interrupção. Não emendava; não fazia entrelinhas – pelo menos tão amiúde que chegasse a dar-me na vista; mostrava uma serenidade perfeita; e o seu trabalho avançava linha a linha e quase se poderia afirmar que letra a letra, como uma renda nítida e delicada nas mãos da mais paciente das bordadeiras. Levou aquilo mais de três horas, para ocupar no dia seguinte um resumido espaço no jornal; e era tão eloqüente a sucessão e inteireza do estilo, que se diria ter nascido tal primor de arte e de comoção, momentaneamente, dum soluço da alma trespassada dum relâmpago de gênio.

Correia, Rodrigo Octavio, comentários divergentes. De um modo geral não se compreendia que uma vida, que tanto viveu as outras vidas, assimilando-as através de análises sutilíssimas, para no-las transfigurar e ampliar, aformoseadas em sínteses raiosas, que uma vida de tal porte desaparecesse no meio de tamanha indiferença, no círculo limitadíssimo de corações amigos. Um escritor da estatura de Machado de Assis só deverá extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional.

Era pelo menos desanimador tanto descaso – a cidade inteira sem a vibração de um abalo, derivando imperturbavelmente na normalidade de sua existência complexa, quando faltavam poucos momentos para que se cerrassem 40 anos de literatura gloriosa.

Nesse momento, precisamente ao enunciar-se este juízo desalentado, ouviram-se umas tímidas pancadas na porta principal da entrada. Abriam-na. Apareceu um desconhecido: um adolescente de 16 a 18 anos, no máximo. Perguntaram-lhe o nome, declarou ser desnecessário dizê-lo: ninguém ali o conhecia, não conhecia por sua vez ninguém; não conhecia o próprio dono da casa, a não ser pela literatura dos livros que o encantavam. Por isto, ao ler nos jornais da tarde que o escritor se achava em estado gravíssimo, tivera o pensamento de visitá-lo. Relutara contra esta idéia, não tendo quem o apresentasse: mas não lograra vencê-la. Que o desculpassem portanto. Se não lhe era dado ver o enfermo, dessem-lhe ao menos notícias certas de seu estado.

E o anônimo juvenil, vindo da noite, foi conduzido ao quarto do doente. Chegou. Não disse uma palavra. Ajoelhou-se. Tomou a mão do Mestre: beijou-a num belo gesto de carinho filial. Aconchegou-a depois por momentos ao peito. Levantou-se e, sem dizer palavra, saiu.

À porta, José Veríssimo perguntou-lhe o nome. Disse-lho.

Mas ele deve ficar anônimo. Qualquer que seja o destino desta criança, ela nunca mais subirá tanto na vida. Naquele momento o seu coração bateu sozinho pela alma de uma nacionalidade. Naquele meio segundo – no meio-segundo em

que ele estreitou o peito moribundo de Machado de Assis, aquele menino foi o maior homem de sua terra.²

Ele saiu, e houve na sala, um pouco invadida de desalento, uma transfiguração.

Nos fastígios de certos estados morais, concretizam-se às vezes as maiores idealizações. Pelos nossos olhos passou a impressão visual da Posteridade...

Jornal do Commercio, 30 de setembro de 1908.

Euclides da Cunha

² “Esse jovem, cujo nome Euclides da Cunha, na página admirável em que lhe fixou o gesto generoso, dizia dever ficar ignorado, era o escritor Astrojildo Pereira”, informa Lúcia Miguel Pereira em *Machado de Assis* (1936).

A homenagem do carioca Astrojildo Pereira a Machado de Assis não se limitou àquela muda e misteriosa visita juvenil. Ao longo de sua vida, ele se projetou como um dos mais penetrantes conhecedores da vida e da obra do autor de *Dom Casmurro*, como comprovam *Interpretações* (1944) e *Machado de Assis* (1956).

Militante comunista, Astrojildo Pereira abordou a obra de Machado de Assis à luz da ideologia marxista. Acentuou especialmente o problema da presença e papel do dinheiro e da propriedade; e, com uma fina ironia, a evidência da ociosidade aristocrática. Salientem-se nesses estudos as referências de natureza econômica e separação hierárquica das classes na sociedade do Segundo Reinado, fundamente marcada pela chaga da escravidão.

A interpretação pioneira de Astrojildo Pereira foi retomada por numerosos exegetas de Machado de Assis, nacionais e estrangeiros, os quais estranhamente não o citam e propalam suas revelações e observações como se fossem descobertas e investigações pessoais.

Discurso de Olavo Bilac

OLAVO BILAC

Olavo Bilac
(1865-1918).
Fundador da
Cadeira 15
da Academia
Brasileira de
Letras.

(em 29 de setembro de 1909, por ocasião de ser inaugurada uma placa de bronze¹ comemorativa na casa em que faleceu Machado de Assis).

Poucas palavras, poucas e carinhosas, devem ser ditas aqui, para que em tudo a comemoração seja digna do comemorado. Seria uma ofensa à memória do Mestre qualquer manifestação que destoasse da sobriedade encantadora e do recato severo que governaram a sua vida artística e a sua vida íntima, a sua teoria literária e o

¹ Contém essa placa, atualmente no saguão da Academia, a seguinte inscrição:

MACHADO DE ASSIS
NAC. NESTA CIDADE A
21-8-1839
HABITOU ESTA CAZA 24 ANOS, NELLA
ESCREVEU A MAIOR PARTE DE SUA OBRA E
FALECEU A
29-9-1908
A ACADEMIA BRAZILEIRA DA QUAL ELLE FOI O
PRIMEIRO PREZIDENTE
COLOCOU ESTA LAPIDE A
28-9-1909

A casa era a de n.º 48 da Rua Francisco Otaviano (Águas-Férreas), e já foi demolida, ocupando atualmente esse local o prédio que faz esquina com a Rua Pires Ferreira. – *N. da Redação.*

seu estilo. O culto deve ser sempre adequado ao nume: bulhento e borbulhante, para os que tiveram ou têm o amor da adoração pomposa – e simples e pensado, e mais tecido de ternura e de respeito do que de entusiasmo, para aqueles cuja sublimidade reside mais na solidez do que no brilho, mais na verdade do que na aparência, mais na harmonia temperada e justa do que no exaltamento nem sempre fecundo.

Quando se dirige a certos homens, ainda a mais ardente admiração há de ser calma e raciocinada, se quiser honrar o seu objeto. Machado de Assis temia acima de tudo o barulho e a cintilação das palavras vazias, que tanto agradam aos espíritos fúteis. A sua face triste e suave, o seu modo natural, a brandura da sua palavra e de seu gesto, a modéstia dos seus gostos, a moderação dos seus juízos, a sua filosofia que condenava como crimes as cegueiras da paixão e o seu estilo que repudiava como vícios os exageros retóricos – tudo nele aconselhava e pedia, não o aplauso frenético, mas a afeição sincera e a consideração inteligente; tudo nele parecia dizer: não me admireis; amai-me, e compreendei-me...

Amaram-no com extremada ternura os seus íntimos; compreenderam-no e compreendem-no os seus companheiros e condiscípulos, os seus irmãos em Arte, aqueles que, pelo hábito de pensar e de escrever, podem sentir e entender o inigualável tesouro de idéias e de expressões que se encerram nos seus livros, monumento perene votado à glória da língua vernácula. Não o compreendeu ainda todo o seu País, porque ele foi de algum modo um homem superior à sua época e ao seu meio; mas essa compreensão unânime há de vir com o tempo, com o aperfeiçoamento progressivo e fatal dos homens, com a fixação definitiva de uma cultura geral que já começa a afirmar-se. Então, o Mestre será admirado, com a admiração consciente e precisa que a sua obra requer; e a história da nossa civilização há de guardar com orgulho esse formoso legado, esses livros em que o cepticismo vive de par com a piedade, em que a misericórdia pela miséria humana tempera o amargo da ironia, em que a descrença é adoçada pela bondade e em que as idéias meigas ou duras, de tolerância ou de revolta, sempre se vestem de uma forma pura e nobre, simples e majestosa, aliando a força à graça, a energia ao bom gosto.

A cerimônia de hoje é íntima. É a romaria dos primeiros fiéis. É a primeira peregrinação dos que assentam as bases do culto. E é a homenagem da família literária ao chefe que perdeu.

Um dia, descrevendo a austera figura de Spinoza, em um soneto de rara beleza, Machado de Assis mostrou-nos o filósofo, grave e solitário, no seu retiro de lida e pensamento, apartado das vãs ambições e das cobiças grosseiras, cativo apenas do mundo interior das suas idéias:

Soem cá fora agitações e lutas,
síbile o bafo aspérrimo do inverno,
tu trabalhas, tu pensas e executas,

sóbrio e tranqüilo, desvelado e terno,
a lei comum, e morres, e transmutas
o suado labor no prêmio eterno...

Inspirou e ditou estes versos uma afinidade real entre dois espíritos de eleição. Sem o temperamento combativo do sombrio Spinoza, o nosso grande escritor teve a mesma dignidade de vida, a mesma abnegação modesta, a mesma escravização ao domínio exclusivo das idéias – e o mesmo gosto da solidão, que em certos homens não é timidez nem orgulho, mas somente a tristeza de quem se reconhece diverso do comum das gentes, e fadado a viver, se não ignorado, ao menos mal entendido dos seus contemporâneos.

Como não recordar esses versos, na visita que hoje fazemos à casa do escritor filósofo, um ano depois da extinção da sua vida?

Aqui viveu Machado de Assis 24 anos de trabalho sem trégua e de pensamento incessante. Neste quieto recanto da cidade, longe de “agitações e lutas”, fugindo à curiosidade pública, ao louvor da multidão, à popularidade fácil e à sedução brilhante mas estéril da política – dividiu ele o melhor da sua existência, 24 anos da sua maturidade fecunda, entre o gozo recatado da sua felicidade doméstica e o gozo igualmente discreto da sua Arte. Aqui so-

nhou, aqui pensou, aqui edificou a sua glória. Noite alta, entre estas folhagens amigas, que resguardavam zelosamente o ninho do seu afeto e a oficina do seu pensamento, brilhava o clarão da lâmpada que alumia a sua operosa vigília. Conheciam-no bem estas árvores, estas flores, e as aves que o saudavam ao romper da manhã; todas as coisas inanimadas e todos os seres inocentes deste poético retiro conheciam e amavam aquele austero poeta e aquele meigo beneditino, voluntariamente clausurado na tarefa paciente e no sonho criador. Aqui experimentou ele, com a satisfação de ser amado e com as agruras dos padecimentos físicos, o prazer de tratar o idioma que prezava tanto, as torturas da análise interior, os sobressaltos e angústias da criação literária, a febre a um tempo deliciosa e cruel da composição, e a ânsia dos que correm atrás da perfeição esquivada... Daqui saíram muitos dos seus melhores livros, vasta cadeia de primores, coroada por essa flor de saudade e amargura, por esse amável *Memorial de Aires*, onde, sob o véu de uma ficção romanesca, a alma viúva e ferida do escritor celebra na virtude e na ventura de um lar modelo a antiga ventura e a antiga virtude do seu próprio lar enlutado. Aqui, por 24 anos, ele trabalhou, pensou, executou “a lei comum”, e morreu e transmutou “o suado labor no prêmio eterno”...

E aqui vem hoje a Academia Brasileira trazer-lhe a expressão comovida do seu respeito e da sua saudade. Perdendo o Mestre não perdemos o exemplo constante, a viva lição, o modelo nobre que ele sempre nos foi. Há de acompanhá-lo na morte o mesmo afeto que lhe dedicamos em vida. Aqui vimos, e viremos; e aqui virão, quando tivermos desaparecido, aqueles que nos sucederem. Já três de nós, depois de Machado de Assis, no escasso prazo de um ano, desertaram também, levados pela morte, o seio da Companhia². Mas toda a nossa força reside na continuidade moral da nossa missão. Não nos sucedemos apenas: também nos continuamos; mudam-se os nomes, mas fica o ideal que os encadeia: há de perdurar na Academia, exemplar e consoladora, a memória do

² Artur Azevedo, Euclides da Cunha e Guimarães Passos, falecidos, respectivamente, aos 22 de outubro de 1908, 15 de agosto de 1909 e 9 de setembro de 1909. – *N. da Redação.*

Mestre. E há de o tempo morder e devorar esta placa de bronze; hão de as soa-lheiras e as chuvas arruinar e aluir esta casa — mas, se um horroroso cataclismo social não dispersar esta nossa raça, e não aniquilar a língua que falamos, a nos-sa romaria de hoje terá sido o início de uma glória perpétua.

PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Hélio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Afonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Luiz Paulo Horta
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	José Mindlin
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT.



